

Geografia económica: a deslocalização das empresas.

Fonte: <https://elordenmundial.files.wordpress.com/2014/01/deslocalizacion.pdf>.



“Triângulo de maior crescimento” em torno do Estreito de Malaca.

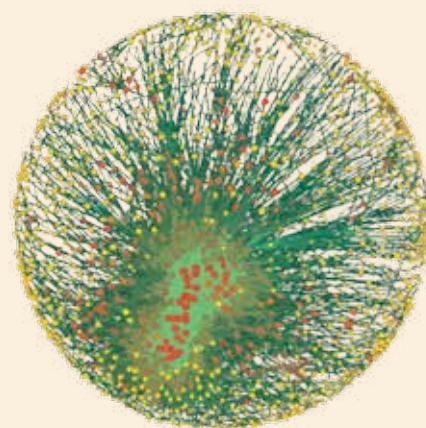
ênfase o “triângulo de maior crescimento” que já nos anos ’90 tinha registado os maiores índices de crescimento económico. Este caso é especialmente significativo, porquanto unifica pontos fulcrais de vários países em torno de estreito de Malaca: o vértice mais a sul é Singapura e desta cidade-estado parte uma linha que passa por Kuala Lumpur, na Malásia, até ao vértice mais a norte em Phuket, já no território da Tailândia, formando um triângulo com o terceiro vértice que é Medan, na ilha indonésia de Samatra. Aquele estreito marítimo, aliás ponto de grande importância estratégica, já que por ele transita uma boa parte das trocas comerciais chinesas, deixa de ser um factor de separação para ser um fundamental traço de união.

Como se vê, as forças do mercado têm actualmente um papel decisivo na demarcação das configurações territoriais. Desenha-se assim uma

A “TEIA GLOBAL”

Apesar da fluidez dos novos “territórios” da geoeconomia contemporânea e da quase invisibilidade de muitos processos do sistema financeiro, parece possível ensaiar a figuração do emaranhado da rede tecida pelos agentes económicos transnacionalizados. Logo no início dos anos ’90, o já citado trabalho de Robert Reich (*The Work of Nations*) prevê “a irrelevância futura da nacionalidade das empresas” e mostra que as economias nacionais estão hoje subordinadas ao que chama, metaforicamente, “teia global”. Vinte anos depois, três investigadores suíços, Stefania Vitali, James B. Glattfelder e Stefano Battiston, publicaram um estudo, *The network of global corporate control*, onde analisam 43.060

firmas multinacionais, identificam um núcleo de 1.318 empresas que representam 20% do volume mundial de negócios e, afinando a análise, chegam a 147 empresas que controlam 40% do capital da “rede”. A imagem difundida nesse relatório sugere com peculiar evidência uma espécie de nova cartografia onde o globo terrestre, para além de oceanos e continentes, é agora o espaço onde incontáveis filamentos se cruzam e se concentram (identificando numa escala logarítmica 1318 “nós” e 12.191 ligações, sendo o vermelho a assinalar os centros económicos com maior capacidade de controlo).



Fonte: <http://arxiv.org/pdf/1107.5728.pdf>.

nova geografia económica, de difícil representação cartográfica, limitando-se os mapas a registar manchas fluidas de contornos imprecisos.

Se o tecido empresarial, mesmo quando se ramifica reticularmente sem consideração de fronteiras nacionais, permanece georeferenciado (já que as unidades produtivas necessitam de ancoragem física a territórios concretos), outro tanto se torna quase dispensável quando passamos para o registo do sistema financeiro. A esse nível, assistimos a algo de parecido com a desmaterialização da economia, donde resulta que os processos ficam essencialmente desterritorializados, tornando impossível qualquer cartografia. É certo que sabemos localizar certas “bolsas”, certas sedes de bancos, certos *offshores*. Mas como é conhecido, essa nebulosa do mundo financeiro paira sobre a economia real, assumindo existência autónoma e lógica própria, com elevada dose de invisibili-

dade. O lugar por excelência dos múltiplos procedimentos e transacções do sistema financeiro é o território virtual, o terreno da linguagem binária universalizada, a rede das redes, a qual, tendo logicamente suporte material, dir-se-ia liberta das amarras físicas, subsistindo na hiperconectividade. E aí penetramos numa nova dimensão geográfica, uma nova espacialidade, de aparência incontrolável e porventura supercontrolada: o ciberespaço. Por ele passam hoje muitas das coordenadas da geopolítica e da geoeconomia. ■

Notas

¹ Ver Vitali, S., Glattfelder, J. B., e Battiston S. The network of global corporate control, p. 14, disponível em <http://arxiv.org/pdf/1107.5728.pdf>.

² Ohmae, K. O Fim do Estado Nação. A Ascensão das Economias Regionais, ed. Brasileira, trad. Ivo Korytowski, Rio de Janeiro: Editora Campus, 1996, pp. 9 e 74.